



**ENTRE A LEMBRANÇA E O ESQUECIMENTO: A BUSCA DA IDENTIDADE
PORTUGUESA NO *CAIS DAS MERENDAS*, DE LÍDIA JORGE**

**BETWEEN MEMORY AND FORGETTING: THE SEARCH FOR IDENTITY IN
PORTUGUESE IN *CAIS DAS MERENDAS*, OF LÍDIA JORGE**

Eliane Santana Dias Debus¹

RESUMO: O objeto de leitura deste artigo é o romance *O cais das merendas*, da escritora portuguesa Lídia Jorge. As reflexões buscam apresentar como a autora tematiza em seu discurso narrativo a idéia de nação e da identidade portuguesa, que é, para nós, (des)const(ruída) numa ciranda entre a memória e o esquecimento. Isto é, a autora coloca à deriva os conceitos de estabilidade e singularidade ao problematizar e desconstruir uma identidade homogênea para o homem português; como também apresenta uma nação e identidades ruídas pela aculturação. Por outro lado constrói uma possibilidade e aponta uma esperança em meio às denúncias da narrativa.

Palavras-chave: *O cais das merendas*; Lídia Jorge; literatura portuguesa; identidade.

ABSTRACT: This paper analyzes the novel *The Snack Wharf*, written by Lídia Jorge, a Portuguese writer. The discussions aim at revealing the way the author's narrative discourse addresses the themes of nation and Portuguese identity, which are (de)constructed for us through a game involving remembrance and forgetfulness. In other words, the writer challenges the concepts of stability and singularity by questioning and deconstructing the idea of a homogeneous identity for the Portuguese people, while presenting a nation and identities crushed by acculturation. On the other hand, she opens up a possibility and envisages hope despite the accusations present in her narrative.

Keywords: *The Snack Wharf*; Lídia Jorge; Portuguese literature; identity.

Para poder lembrar-se é preciso haver esquecido (JOSEF, 1991,p. 454).

Afinal a memória tinha um rabinho peludo 'por onde se puxava, e atrás dele vinham os afectos gritantes, ai de nós, ai de nós (JORGE, 1985, p.36).

A literatura portuguesa contemporânea está nitidamente marcada nas três últimas décadas pelas transformações políticas, culturais e sociais promovidas pela "Revolução dos Cravos", ocorrida em 25 de abril de 1974, que pôs fim ao período fascista (1926-1974) e propiciou

¹ Doutora (Teoria Literária – PUCRS/2001). Professora do programa em Pós-Graduação em Ciências da Linguagem Unisul. elianedebus@hotmail.com



liberdade política em Portugal. Almejava-se que o desencadeamento de tal fato repercutisse na produção ficcional. O esperado, no entanto, não acontece; os textos não saem das gavetas e poucas narrativas são publicadas entre 1974 e 1980, um período de silêncio e aprendizagem que amadurece e eclode em fins da década de 1970 e início da de 1980, trazendo para o público leitor vários títulos e novos escritores, entre eles Antonio Lobo Antunes, José Saramago, Augusto Abelaira e Lídia Jorge.

A situação histórica portuguesa pós-25 de abril propiciou, sem sombra de dúvidas, a tematização da ruína dos alicerces da identidade deste país, erigidos sob a base estável de uma nação essencialista. Dessa forma, a literatura portuguesa contemporânea busca um novo viés de construção da nação e da identidade do ser português arquitetado sob as bases da multiplicidade, em detrimento da unicidade pregoada até então.

Nesse contexto de mudanças profundas, podemos inserir a produção literária da romancista Lídia Jorge (Algarve, 1946) que estréia no campo literário em 1980 com o romance *O dia dos prodígios*; em 1982, dá a público *O cais das merendas*; logo a seguir, em 1984, *Notícias da cidade Silvestre*, *A costa dos murmúrios*, de 1988. Essa verve apresentada na década de 1980 tem continuidade e hoje a autora possui mais de vinte títulos publicados que circulam comercialmente em vários países.

O conjunto de livros publicados por Lídia Jorge na década de 1980, acreditamos, desenha um Portugal em conflito entre o ontem, do período ditatorial de Salazar, e o hoje, naquela época, ainda a construir; resquícios de dor e acenos de um porvir movediço; textos e escritora nesta confluência, pois "testemunha ocular também ela e participe, em certo nível dos acontecimentos bélicos em África, quando dos estertores da ditadura e do império colonial, e imbuída da expectativa que era lícito alimentar após a recuperação dos direitos democráticos da cidadania" (ALVES, 1990, p. 35).

Tomamos como objeto de leitura para este artigo o romance *O cais das merendas*, buscando refletir como Lídia Jorge tematiza em seu discurso narrativo a idéia de nação e da identidade portuguesa que é, para nós, (des)const(ruída) numa ciranda entre a memória e o esquecimento. Isto é, cremos que a autora coloca à deriva os conceitos de estabilidade e singularidade ao problematizar e desconstruir uma identidade homogênea para o homem português; como também apresenta uma nação e identidades ruídas pela aculturação. Por outro lado constrói uma possibilidade e aponta uma esperança em meio às denúncias da narrativa.

Eliane Santana Dias Debus



A narrativa de *O cais das merendas* está estruturada em dez capítulos que giram em torno de um grupo composto de homens e mulheres, desvelando como estes se inter-relacionam, interagem com a sua identidade portuguesa. O caráter memorialístico do relato vai sendo desnudado aos poucos, nas linhas/entrelinhas do discurso narrativo. Uma memória coletiva que se constrói pelos destroços, pelos fragmentos das lembranças individuais das personagens.

A frase de Bella Josef – “Para poder lembrar-se é preciso haver esquecido” - tornada de empréstimo como epígrafe deste trabalho, parece marcante à medida que só pode ser lembrado, só pode apetecer a lembrança aquilo que foi esquecido. O próprio vocábulo apetecer, que aparece com insistência na narrativa, constitui o fio pelo qual os desejos das personagens são tecidos, num jogo ambivalente de esquecer e lembrar, lembrar e esquecer, que rodopia pelo texto numa ciranda, nada infantil.

A merenda, descanso breve entre as lidas rurais, lembrava, para aquele grupo composto entre outros por Zulmira Santos, Sebastião Guerreiro, Simão Rosendo, Catrinita Mendes, Velentina Palas e o marido Leonardo, Pinaira, Aldegundes Breba e o irmão Edmundo, o passado parco, sem fartura; por isso deveria ser esquecido, enterrado juntamente com a lembrança de Rosária. O party representava a bonança, o tempo de fartura, diferente daquelas "pausas feitas num tempo tão esquecido” (JORGE, 1985, p. 18).

Hobsbawm (1995), nas primeiras páginas do capítulo sobre “A revolução social: 1945-90”, destaca a morte do campesinato como sendo a mudança social mais impressionante no período referido. A sociedade portuguesa está inserida nesse triste quadro com uma redução de 17,6% da mão-de-obra empregada na agricultura nos últimos trinta anos, em comparação à população rural da década de 50.

A autora traz à tona na narrativa essa problemática do mundo rural e do urbano, decorrida da modernização da sociedade portuguesa, ao representar o deslocamento da personagem Sebastião Guerreiro, e tantos outros portugueses, do espaço rural de Redondo para o espaço urbano e burguês da Praia das Devícias, onde o futuro se desenhava próspero e vitorioso.

Na Praia das Devícias, o Hotel Alguergue, símbolo do progresso e ponto de ligação com o mundo, foi construído para o usufruto do outro - a gente de longe, e não para a gente nacional. Enquanto se crê que aquele é o espaço de introdução a urbanidade e riqueza, o português ocupa, no máximo, o papel de funcionário, de mão-de-obra acessível e obediente.

Eliane Santana Dias Debus



O espaço rural vai sendo substituído com prazer pelas personagens que se deslocam, pois Redondo representava a vida dura do campo. O grupo preferia submeter-se aos caprichos e ordens de Mr. Halls e, com isso, esquecendo aos poucos seu passado, sua identidade, sua ligação com a vida campesina. O esvanecimento da memória pode ser registrado na sensação de perda apontado primeiro por Piinaira, depois por Aldegundes:

Juro. Juro que não me lembro se é a galinha que põe ovo, nem se é a parreira a árvore que dá uvas. Como eu ando. E enquanto Pinaira parecia ter terminado seu aranzel, Aldegundes; Reira estava morta por matar aquela curiosidade de um mundo que tinha vivido na Redonda. Então quantas vezes se semeia no ano? Precisamos de chuva para que as plantas nasçam? (JORGE, 1985, p.244).

Boaventura de Sousa Santos, ao desenvolver as “Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal” (1995), apresenta o quadro da complexa conjuntura portuguesa e a sua condição de sociedade semiperiférica diante dos outros países europeus. Os cinco séculos de império colonial creditaram a Portugal o papel duplo e simultâneo de centro e periferia, de colonizador e colonizado, isto é, centro para as colônias submetidas ao julgo português e periferia em relação aos países da Europa, especialmente à Inglaterra. Portugal, ao mesmo tempo em que exercia a missão civilizadora em relação às colônias, era considerado pelos vizinhos europeus um país “nativo e selvagem” (SANTOS, 1995, p. 65).

O fim do império colonial, no entanto, não trouxe para Portugal a igualdade esperada perante os países centrais, principalmente pela intromissão do FMI, em 1978. No início da década de 1980, a integração na comunidade europeia desponta como uma possibilidade de fundamentar as bases enfraquecidas pelo fim do império. Boaventura adverte, contudo, que tal inserção não coloca Portugal no mesmo patamar dos outros países europeus:

A integração na UE tende a criar a ilusão credível de que Portugal, por se integrar no centro, passa a ser central, e o discurso político dominante tem sido o grande agente de inculcação social da imaginação do centro: Estar com a Europa é ser como a Europa. Contudo, quando se analisa detalhadamente o interior do centro é fácil verificar que a realidade segue um caminho diferente do dos discursos (SANTOS, 1995, p. 65).

No discurso narrativo, a modernização acena para Sebastião Guerreiro como uma possibilidade de progresso e igualdade frente aos outros países europeus. Quando ele vê pela primeira vez a estrada, conflitanda com o mar, observa maravilhado: “Diz-me o coração que



uma estrada desta largura tem alguma coisa de muito internacional, e o coração não me engana” (JORGE, 1985, p. 99). Já funcionário do hotel e longe do espaço de Redondo, “Sebastianito Guerreiro sentia que tudo tinha acabado por modernizar- se, que tudo pulsava já pela respiração das grandes comunidades" (JORGE, 1985, p. 160).

Porém, tal inserção de igualdade junto às outras comunidades europeias se esfacela na imagem dos vereneantes que chegam para usufruir do paraíso moderno como Mr. Brown, Mrs. Rowe, Mr. Smollett e Mrs. Adler, traziam eles estampada em suas faces a idéia de “caridade nacional”, como que suas presenças fossem um donativo mais benéfico e valoroso que o da Cruz Vermelha, além de deixar em terra lusa “amostras da civilização”. Pois para aquela gente, vindas de outras paragens, o português era bárbaro, um não-civilizado: “entre eles corre a fama de termos todos chatos de cu até nos sovacos” (JORGE, 1985, p.194).

O novo é incorporado pelas personagens sem relutância, sorvido a grandes goles como que para matar uma sede eterna. A cultura do outro se instala de várias maneiras – pela língua pelo comportamento, pela moral, entre outros. - provocando no grupo um processo lento de aculturação e, por consequência, de esquecimento das coisas vividas e passadas.

A perda do vernáculo lusitano através da aquisição truncada da língua inglesa pelas personagens é também uma forma de esquecimento. A língua pode não ser a expressão máxima da nacionalidade, mas ela pode ser cotada como das expressões que caracterizam e dão força à nacionalidade. Assim, esquecer a língua pátria substituindo-a é, também, uma das formas de afastamento da nação e da identidade.

A civilidade podia ser comprovada pela inexistência de piolhos, que não apareciam nem mesmo nas cabeças dos meninos Joanos. Outro registro de transformação de comportamentos, e talvez mais importante, encontra-se nos bons modos adquiridos durante o party: comer de boca fechada, limpar os cantos da boca, não fazer gestos durante a refeição, etc.; “Tinham aprendido a comportar-se em todas as situações como verdadeiras pessoas”(JORGE, 1985, p.119). Porém, tantas novidades e a variedade de alimento e bebidas não tirava daquela gente o gosto de saudade da boca “Vai-se-nos acumulando esta saudade das coisas antigas, junto das papilas da boca durante a semana. Por isso não tenham medo de regressar à bucha que a chamamos sandes, meus amigos. Gostamos delas realmente de pão fofo e linguiça queimosa de vermelho” ”(JORGE, 1985, p.117).

A imponente construção de dez andares do Hotel Aiguergue causa estupefação e



maravilhamento naquele pequeno grupo, que sai do espaço rural de redondo, e vem visitar suas instalações ainda por inaugurar. Das surpresas, a maior gira em torno dos tipos de banheiras e banhos que propiciavam a higiene interna dos hóspedes: “esse monumento é uma colmeia que aqui te mijas e ali te lavas” (JORGE, 1985, p. 97). Porém, apesar de tantos cuidados higiênicos, desaguavam os dejetos no mar. Esta é uma observação que passa sem maiores reflexões por parte daquelas pessoas, mas que traz em sua constatação a carga de ambiguidade marcada pelo progresso e ao mesmo tempo retrocesso que o novo traria.

Santanita, ora Trigal, ora Cagaça, representava a desatualização, a ignorância e o marasmo cultural e todas “as coisas ultrapassadas”. Sebastião “custava a crer que estivesse ligado por casamento e procriação” (JORGE, 1985, p.209) àquela mulher que aparece, junto com os familiares, no penúltimo domingo de agosto, chamando a atenção dos veraneantes ao se exibir nas ondas de combinação de florinhas e a lavar-se de cócoras nas águas do mar com sabão azul. Tal acontecimento destoava tanto do ambiente moderno que o narrador sugere que seja erigido um monumento para marcar a data: “Por aqui passou o século passado a 22 de agosto” (JORGE, 1985, p.212).

O desejo de construção de uma identidade permeia o caminho das personagens; o solo para sua realização é a alteridade, isto é, a necessidade do indivíduo de existir para um outro e o desejo de assumir o lugar desse outro.

Bhabha, utilizando-se do conceito de suplemento de Derrida, denomina metaforicamente essa duplicidade de “sombra amarrada de diferimento e deslocamento”. Como teórico do pós-colonialismo, argumenta que “A alteridade colonial não é constituída pelo Eu colonizador nem pelo Outro colonizado, mas pela distância perturbadora entre os dois” (BHABHA, 1986, p 122). Assim, a construção da identidade implica sempre uma relação de diferença com um outro.

Miss Laura é o objeto de desejo - ela é o outro: o inglês, a cultura, a civilidade, a viagem, “o verdadeiro manjar da vida” (JORGE, 1985, 208). Ao conquistá-la, Sebastião Guerreiro busca conquistar a terra prometida. O discurso amoroso de Sebastião rejeita num primeiro momento uma relação comercial. Ele não vende o seu corpo; ele sente-se realmente fascinado e, para ratificar o seu discurso, vai às raízes culturais do ser português:

Aqui na nossa terra, os próprios reis casam com princesas pobres, e o único dote que esperam é que os sepultem juntos. Para que no dia da ressurreição da carne, levantados do sepulcro, se amem logo nas catedrais, antes de os outros mortos acharem os seus



parceiros (JORGE, 1985, p. 200).

No entanto, decepcionado com a relação amorosa com Miss Laura, Sebastião dá uma nova versão ao seu discurso amoroso, mostrando um estilhaçamento da moral, ao afirmar que:

O amor in Portugal vende-se às braçadas. Essa história de que mesmo os reis matavam por sentimento e se enterravam ele e ela muito juntos melancolicamente, já não se usa. In Portugal. I'm sorry. Já não? Ai que pena. Já não Lady, é a vida. Põem túmulos diante de túmulos mas ninguém ressuscita, até a terra tem os bilhões de anos contados para morrer, quanto mais os que já lá têm a sua carcaça (JORGE, 1985, p. 250).

O imaginário português sortido pelas grandezas do passado e mitos que o rondam não se presta mais à constituição da identidade das personagens da narrativa. Linda Hutcheon (1991) observa que os conceitos “certeiros” herdados pelo humanismo liberal, como unidade, autoridade, totalização, centralidade, entre outros, caem por terra na literatura contemporânea de traços pós-modernos. A identidade já não é mais construída pela homogeneidade prefigurada pelo conjunto de “sujeitos individuais fixos”, mas identidades contextualizadas”, afirmadas e confirmadas por meio da diferença.

A posição do país semiperiférico coloca Portugal à margem no contexto europeu. O desejo de ocupar o centro e participar em pé de igualdade com os outros países é um logro, à medida que o centro não deixa de ser uma ficção. Portugal, bem como o ser português, pode ser considerado como ex-cêntrico, pois está dentro e fora ao mesmo tempo da comunidade europeia. “O ex-cêntrico, o off-centro: inevitavelmente identificado com o centro ao qual aspira, mas que lhe é negado” (HUTCHEON, 1991, p.88). As personagens representam esse desejo sempre negado, “circunscritos pelo desejo de vir a ser” (HUTCHEON, 1991, p.143).

A revolta coletiva dos funcionários do hotel, acontecida em 15 de agosto, estava fadada ao fracasso. Apesar de quererem conhecer os seus direitos e encorajados para lutarem contra os desmandos do responsável pelo hotel, o grupo esmorece mesmo diante de um sinal mítico: o florescimento das varas secas de marmeleiro. Preocupados com a perda do emprego, Sebastião é eleito mediador e contorna a crise junta à gerência do hotel; com isso é compensado “em confiança e cargo”.

Lídia Jorge apresenta, dessa forma, um grupo conformado com o trabalho servil, entendendo como gratidão a liberdade concedida, como se percebe no fragmento a seguir: “A gerência daquela casa que nos permitia a festa, nos dispensava a todos, apesar de ter existido um



15 de agosto, mas nos dispensava a todos, como se nada tivesse acontecido nesse campo laboral” (JORGE, 1985, p. 22).

Se tomarmos a idéia de nação como uma formação discursiva propagada por Foucault e adotada por Brennan (1995), que observa que nações não passam de “construções imaginárias que dependem, para a sua existência, de um aparelho de ficção cultural no qual a literatura imaginativa desempenha um papel decisivo”(BRENNAN, 1995, p.122), observa-se que a narrativa analisada apresenta o descentramento da idéia de nação alardeada por seu país durante cinco séculos de império colonial. O discurso fundacional de Luís de Camões em *Os Lusíadas* pode ser aqui exemplificado como a narrativa mais importante para descrever e, por muito tempo, consolidar a história heróica do povo português. A narrativa épica exerce, assim, um papel primordial na confecção de um constructo imaginário com o objetivo de priorizar a unidade nacional, contribuindo para a aceitação de um regime monárquico sedimentado pelos desejos imperiais.

O discurso narrativo de *O cais das merendas*, no entanto, rompe com a imagem edênica de um país divino e/ou natural e aponta um país que se constrói pela heterogeneidade numa relação dialógica com o outro.

Assim, *O cais das merendas* tem um duplo sentido. Pode ser lido por sua simples função utilitária de embarque e desembarque, não restando ao português outra saída que não a de esperar as misses Lauras e os mrs. Browns atracarem de malas em punhos, sendo a merenda um espaço concedido graças a benesses do outro. Como, também, pode ser lido como lugar de acostamento, de refúgio onde as lembranças podem ser reavivadas O cais das merendas pode gestar o espaço da resistência e a alternativa para o português construir a sua identidade à medida que é o ponto de ligação com o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Edil de lima. A costa dos murmúrios: o resgate da memória pelo discurso crítico, In: **Letras de hoje**. Porto Alegre: PUCRS, n. 80, junho de 1990.

BHABHA, H. K. “Foreword: remembering Fanon: self, psyche and the colonial condition”. In: FANON, F. **Black skin, white masks**. London: Edward Arnold, 1986.

BRENNAN, Timothy. The national longing for form. In: ASCROFT; GRIFFITHS & TIFFIN

Eliane Santana Dias Debus



(Eds) **The post-colonial studies reader**. London: Routledge, 1995.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORGE, Lúcia. **O cais das merendas**. 3.ed. Lisboa: Europa-América, 1985.

JOSEF, Bella. O resgate da memória na literatura contemporânea. In: **Anais do 2º congresso da ABRALIC - Literatura e memória cultural**. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991,

SANTOS, Boaventura de Sousa. Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal. In: **Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 16.ed. Porto: Porto Ed., s.d.